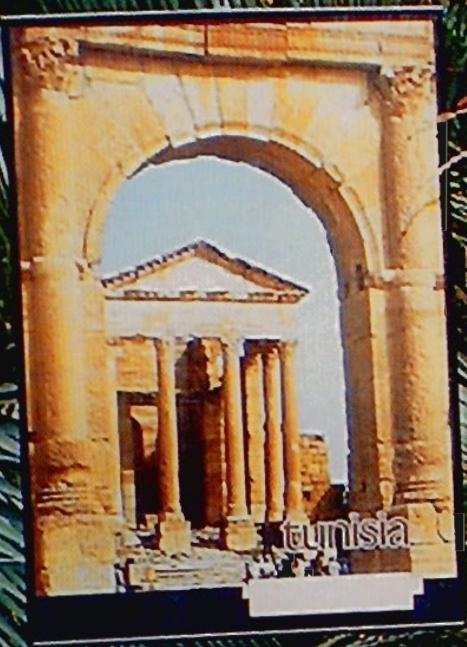


The Power and Persistence of Stereotyping

O Poder e a Persistência dos Estereótipos



Departamento de Linguas e Culturas
Universidade de Aveiro

O Poder e a Persistência dos Estereótipos

The Power and Persistence of Stereotyping

O Poder e a Persistência dos Estereótipos

The Power and Persistence of Stereotyping

Sob a coordenação de/Edited

by

Anthony David Barker



**UNIVERSIDADE
de AVEIRO**

Departamento de Línguas e Culturas

2004

Ficha Técnica:

Título

O Poder e a Persistência dos Estereótipos
The Power and Persistence of Stereotyping

Coordenador

ANTHONY DAVID BARKER

Impressão

Imprensa de Coimbra, Lda

Edição

UNIVERSIDADE DE AVEIRO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SANTIAGO
3910-193 AVEIRO

Tiragem

500 Exemplares

Depósito Legal

213943/04

ISBN

972-789-132-3

*Imagem da capa propriedade de/*Cover picture the property of: Danuta Gabryś-Barker

Com o apoio de: Fundação para a Ciência e Tecnologia
The British Council
The US Embassy Cultural Division

Catálogo recomendada

O PODER E A PERSISTÊNCIA DOS ESTEREÓTIPOS / THE POWER AND
PERSISTENCE OF STEREOTYPING

Coord.: Anthony David Barker, Grupo de Estudos Culturais, CLC/UA

Universidade de Aveiro Editora, Julho 2004: 385 pp.

ISBN: 972-789-132-3

I. Título Paralelo

II. Barker, Anthony David

Cultura Europeia; Teoria de Cultura; Estudos Culturais; História da Ideias

ÍNDICE / TABLE OF CONTENTS

| | |
|--|-----|
| Introdução | 7 |
| Introduction | 13 |
| Secção 1: Os estereótipos - aspectos teóricos e históricos | |
| Section 1: Theoretical and Historical Perspectives on Stereotyping | |
| 1. The Inescapably Social Concept of Stereotyping ... <i>Michael Pickering</i> | 21 |
| 2. I Metonymize therefore I Stereotype ... <i>Boguslaw Bierwiazzonek</i> | 33 |
| 3. Des stéréotypes religieux à la pensée conspirationniste – l'exemple des jésuites ... <i>Christine Vogel</i> | 51 |
| 4. Os estereótipos na prática discursiva do anticlericalismo ... <i>Luís Machado de Abreu</i> | 71 |
| 5. O brasileiro de torna-viagem e o Protestantismo português: incidências socioeconómicas e imagem ... <i>António de Vasconcelos Nogueira</i> | 81 |
| 6. Texto e projecto estético ... <i>Rui Magalhães</i> | 95 |
| 7. Estereotípa e representação social – uma abordagem psico-sociológica ... <i>Maria Manuel Baptista</i> | 103 |
| 8. Estereótipos de género no imaginário infantil: a escolha de profissão ... <i>Fátima Rezende Matias</i> | 117 |
| 9. A cidade do Porto e o ser-se 'tripeiro' como produção cultural ... <i>Paula da Mota Santos</i> | 127 |
| 10. Reaportuguesar a arte: génese de um estereótipo ... <i>Nuno Rosmaninho</i> | 143 |
| 11. Espelhos quebrados – representações do colonizado em <i>O Esplendor de Portugal</i> de António Lobo Antunes ... <i>Ana Margarida Fonseca</i> | 159 |
| 12. O rosto e a máscara: um exemplo da persistência do estereótipo masculino na literatura ... <i>Isa Margarida Severino</i> | 169 |
| 13. Translation as Stereotyping ... <i>Andrzej Lyda & Danuta Gabryś-Barker</i> | 175 |
| 14. Bad Teachers, Mad Scientists and Corrupt Politicians: a linguistic view of stereotypes ... <i>Susan Howcroft</i> | 185 |
| 15. Turk's Head: A Stereotype? ... <i>Esra Almas</i> | 193 |

Secção 2: Os estereótipos e os Media

Section 2: Stereotyping and the Media

| | |
|--|-----|
| 16. A new stereotype in the making: "Imigrantes de Leste" in the Press ... <i>Olga Solovova</i> | 205 |
| 17. Stereotypes of Women in Polish Radio and Press Advertisements ... <i>Adam Wojtaszek</i> | 217 |
| 18. Global English in Polish and German Magazine Advertising ... <i>Marek Bielski</i> .. | 229 |
| 19. 'People will pay you to do that?' - Downsizing "Genius" in Contemporary Cinema ... <i>Anthony Barker</i> | 241 |
| 20. Stereotypes of Women in the Films of David Fincher ... <i>Mark William Poole</i> .. | 253 |
| 21. Youth Subcultures, Football Casuals and Hooliganism ... <i>Paulo Renato Oliveira</i> | 261 |
| 22. Estereótipos da forma narrativa de "Entertainment" ... <i>Nelson Zagalo, Anthony Barker & Vasco Branco</i> | 271 |

Secção 3: Os estereótipos e a educação

Section 3: Stereotyping and Education

| | |
|---|-----|
| 23. "Aquele de camisas às flores é Brasileiro": Estereótipos sobre línguas e povos manifestados por alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico ... <i>Ana Raquel Simões & Helena Araújo e Sá</i> | 283 |
| 24. Vantagens e desvantagens do uso de estereótipos na Literatura Infantil Portuguesa ... <i>Fátima Albuquerque</i> | 299 |
| 25. "The Youth of the Nation": As subculturas dos jovens: que papel nos estereótipos existentes? ... <i>Patrícia Dias Alves</i> | 309 |
| 26. Les stéréotypes culturels dans l'enseignement/apprentissage du français à l'école primaire ... <i>Rosa Maria Barbosa Chaves</i> | 325 |
| 27. Students' Representations of English-Speaking Others ... <i>Gillian Moreira</i> | 337 |
| 28. Representations of the Portuguese Business System through English Language Internet Pages and the Teaching of Business English ... <i>Tim Oswald</i> | 349 |
| 29. Earning the Keys to the Kingdom: Non-Traditional Students, Stereotypes and the Search for Academic Agency ... <i>Carol Mohrbacher</i> | 361 |
| 30. The Use of Stereotypes in the Foreign Language Classroom ... <i>Gemma Carmen Belmonte Talero</i> | 375 |

ESTEREOTIPIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL – UMA ABORDAGEM PSICO-SOCIOLÓGICA¹

MARIA MANUEL BAPTISTA²

«Cabo-Verdianos - Etnia proveniente de Cabo-Verde (...) empregada especialmente como mão-de-obra na construção civil»

Dicionário do Imobiliário, Lisboa, 1996

« (...) A perspectiva cognitiva «pura» não dá lugar à criatividade social (...) nas categorizações sociais: parece intuitivamente óbvio que em muitas, se não em todas as situações sociais, as representações de grupos e dos próprios grupos mudam (...), dependendo de mudanças na sociedade, tal como de fenómenos sociais mais momentâneos».

(Marques, J., 1986)

1. O conceito de representação social

A análise dos processos psicossociais subjacentes à estereotipia remete necessariamente para fenómenos de categorização, os quais podem também ser objecto de análise enquanto elementos de representação social, até porque é possível «conceber a representação como uma manifestação do processo de categorização (...)» (Vala, J., 1986:16).

¹ Partes do presente texto integraram-se numa investigação mais vasta conducente a uma dissertação de mestrado (não publicada), apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, com o título 'Estereótipos de Adultos Moçambicanos Face à Aprendizagem' (Coimbra, 1996).

² Toda a correspondência sobre este artigo deve ser enviada para Maria Manuel Baptista, Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, 3810 Aveiro, Portugal, ou para o seguinte endereço electrónico: mbaptista@dlc.ua.pt.

Na verdade, uma abordagem às funções, estrutura e modos de formação dos estereótipos conduz-nos a algumas das mais importantes temáticas estudadas pela Psicologia Social, tais como a teoria da atribuição causal, a teoria implícita da personalidade, a formação de impressões, a identidade social, as relações entre grupos, a discriminação social, etc., noções estas que podem, num nível de abordagem mais integrativa e geral, ser compreendidas à luz dos princípios e da teoria das representações sociais.

Para Tajfel (1980) «(...) a representação social é mais do que o estereótipo, mas este constitui uma parte importante da representação social» (p.22). Afirma Vala (1986:7) que, «para além das atitudes, a psicologia social cognitiva, ao estudar a identidade, os estereótipos, as teorias implícitas da personalidade e a atribuição causal, tem abordado de forma desligada fenómenos que o conceito de representação social engloba e cuja articulação permite».

A teoria das representações sociais é, segundo Codol, (1989) «(...) uma elaboração teórica de grande amplitude - ao inverso de quase todas as teorias da psicologia social, que podem ser qualificadas de «locais», pelo facto de o seu domínio de explicação e o seu ponto de aplicação serem frequentemente bastante limitados» (p.483).

O conceito de representação social foi proposto por Moscovici na década de 60 e refere-se a «um conjunto de conceitos, proposições e explicações criados na vida quotidiana no decurso da comunicação interindividual» (Moscovici, S., 1981:181). Demarcando-se do paradigma comportamentalista, Moscovici propõe a superação dos modelos que consideram as representações como meras variáveis mediadoras entre o estímulo e a resposta para as considerar como variáveis independentes, que estão na origem não só das respostas comportamentais mas também da forma como são percebidos os estímulos. (Moscovici, S., 1984:62). A representação é assim entendida como «construção de um objecto e expressão de um sujeito» (Vala, J., 1993:354), tendo uma forte ressonância social, pois que se trata de «uma modalidade de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objectivo prático, contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social» (Jodelet, D., 1989:36).

Moscovici, que começou por analisar em França as representações de determinados grupos sociais relativamente à teoria psicanalítica, acaba por concluir que as representações sociais não se alimentam apenas das teorias científicas, mas também «(...) dos grandes eixos culturais, das ideologias formalizadas, das experiências e das comunicações quotidianas» (Vala, J., 1993:353).

Desta forma, as representações sociais remetem inevitavelmente para as pertenças sociais do sujeito, as suas modalidades de comunicação, a sua funcionalidade e eficácia social³ (Faria, L e Fontaine, A., 1993).

³ O estudo da actividade representativa em geral, inclui, para além das representações sociais três outras vertentes: «estudo das estruturas e processos cognitivos em sentido restrito, ou seja, os que se reportam às actividades de codificação, descodificação e

Assim, as representações sociais não são a mera reprodução mental da realidade exterior ao sujeito (cognição social)⁴, mas elas passam a impregnar a realidade adquirindo foros de consistência ontológica, orientando as cognições e comportamentos dos indivíduos (Abric, J., Faucheux, C., Moscovici, S., et al., 1967, Farina, A., Fisher, J., Getter, H., et al., 1978, Leyens, J., 1985, Snyder, M. e Swann, W., 1978, Worku, Yelfign, 2001).

Nas palavras de Vala, (1986) «(...) as representações são sociais, não pela sua extensão, mas porque emergem num dado contexto social; porque são elaboradas a partir de quadros de apreensão que fornecem os valores, as ideologias e os sistemas de categorização social partilhados pelos diferentes grupos sociais; porque se constituem e circulam através da comunicação social; e porque reflectem as relações sociais ao mesmo tempo que contribuem para a sua produção» (p.20).

2. Representação social e estereotipia

Na verdade, uma vez constituída, a representação leva os indivíduos a procurar «criar» uma realidade que valide as previsões e explicações implicitamente contidas nessas representações (Appelbaum, Steven H., Audet, Lynda e Miller, Joanne C., 2003, Gahagan, J., 1980, Vinnicombe, Susan e Singh, Val, 2002). Assim, nesta perspectiva, o enviesamento cognitivo, que é a estereotipia social, mais não faz do que veicular e expressar determinadas representações sociais. (Codol, J., 1989, Shin, Sunney e Kleiner, Brian H., 2001)

memorização (e.g. Markus e Zajonc, 1985); estudo dos mecanismos motivacionais que orientam a dinâmica da actividade cognitiva e a dinâmica das relações entre estruturas cognitivas, perspectiva que orientou o New Look (Bruner, 1951); e, ainda, o estudo dos investimentos pulsionais e fantasmáticos presentes na actividade cognitiva e simbólica e desenvolvido pelas correntes de orientação freudiana (e.g. Kaes, 1976)» (Vala, J., 1993:357).

* A cognição social não deve ser entendida como equivalente ao pensamento social. De facto, apesar das desejáveis articulações, trata-se de duas perspectivas distintas no âmbito da Psicologia Social (Vala, J., 1993).

Para as teorias da cognição social os conteúdos não são geralmente relevantes, pois procuram conhecer processos universais e internos através dos quais se forma o conhecimento, tendendo geralmente a prescindir das emoções e construir uma teoria molecular pela descrição de processos e estruturas simples.

Para as teorias do pensamento social, o conceito nuclear é a representação social, procurando-se conhecer os contextos históricos, culturais e ideológicos nos quais os conteúdos sejam valorizados e articulados aos processos; é dada uma importância central aos processos de interacção na constituição do pensamento do senso comum, articulam-se os planos cognitivo, avaliativo e emocional e o pensamento social é visto como molar, considerando que o todo não se obtém por mera soma das partes.

Uma das características da estereotipia é precisamente a procura invariável da sua confirmação empírica, enviesando sistematicamente a realidade sobre a qual elabora o estereótipo, entendendo a realidade que a infirma como uma mistificação (Billigmeier, R., 1990).

A constituir o conceito de representação social encontram-se ainda dois critérios: o quantitativo e o genético. Na verdade, toda a representação social é partilhada por um conjunto de indivíduos e é colectivamente produzida, como resultado da actividade cognitiva e simbólica de um grupo social. Ora, tal é também o caso do estereótipo, que constitui um conjunto de crenças, teorias e visões de um ou vários grupos sociais sobre o seu objecto de estereotipia (Vinnicombe, Susan e Singh, Val, 2002). Do ponto de vista genético, os estereótipos surgem como representações partilhadas que reflectem e têm origem em projectos, problemas e estratégias dos grupos sociais (Billigmeier, R., 1990).

Tal como as representações sociais, os estereótipos têm como função formar e orientar, tanto a comunicação como os comportamentos. As representações sociais, quando surgem sob a forma de estereótipos sociais, são «teorias sociais práticas» (Vala, J., 1993), «um saber prático», (Jodelet, D., 1984) «organizadores das relações simbólicas entre os actores sociais» (Doise, W., 1990). Trata-se, no entanto, de dois conceitos diferentes, pois remetem para dois níveis de abordagem cujo grau de generalidade difere: se os estereótipos sociais podem ser vistos como formas de representação social, nem todas as representações sociais dão origem a estereótipos (Tajfel, H., 1980).

Assim, o estereótipo refere-se a percepções socialmente partilhadas de sujeitos pertencentes a grupos diferentes, as quais adquirem um carácter de rigidez e alto grau de generalização (Yim, Phyllis Ching-Yin e Bond, Michael Harris, 2002). Têm um ponto de aplicação normalmente estrito, uma forte componente afectiva e encontram-se com frequência na base de atitudes de discriminação social (e.g. Shin, Sunney e Kleiner, Brian H., 2001). Já as representações sociais podem incluir todos estes elementos (inclusivamente a estereotipia social), mas, no caso de não incluírem claras categorizações de grupos sociais, podem não remeter para qualquer tipo de estereotipia social, não implicando, por isso, fenómenos de discriminação social (eg., representação social da psicanálise, estudada por Moscovici) (1981).

Na realidade, têm sido múltiplas as investigações realizadas no âmbito das representações sociais (abordando temas como a doença mental, a violência, a justiça, o grupo e a amizade, o trabalho, o desemprego, os sistemas tecnológicos, os sistemas económicos, etc.) (Jodelet, D., 1989), que não remetem necessariamente para a estereotipia, até porque os objectos das representações sociais podem incluir grupos sociais, mas ultrapassam-nos para se referirem a uma enorme diversidade de objectos do pensamento social.

Refira-se, no entanto, que a fluidez do conceito de representação social (característica que será eventualmente responsável pelo poder heurístico desta área de investigação) (Moscovici, S., 1976), permite incluir «conceitos de médio

alcance como por exemplo, atribuição, crença, atitude, esquema, opinião, etc.» (Vala, J., 1993:360) e, acrescentamos nós, estereótipo social, até porque se trata de um tipo específico de esquema ou atitude, fundado frequentemente em crenças, origem de opiniões e atribuições, relativamente a determinados grupos sociais e que encontra a sua génese em processos de categorização.

Uma vez que os estereótipos se formam frequentemente a partir de uma «mistura distorcida de impressões inadequadas sobre os outros, percepções incompletas ou defeituosas, grandes generalizações que ignoram diferenças internas» (Billigmeier, R., 1990:474), importa compreender que processos sociocognitivos se encontram implicados na produção da estereotipia enquanto representação social.

3. Processos sociocognitivos das representações sociais

De acordo com a teoria das representações sociais, são dois os principais processos responsáveis pela formulação deste tipo de pensamento social: a objectivação e a ancoragem (Moscovici, S., 1984, Moscovici, S., 1988).

No primeiro caso, a objectivação consiste no processo de formação de um todo coerente através da selecção e da descontextualização do objecto, seguindo-se um momento de esquematização estruturante que tem como objectivo constituir um «esquema» ou «nó figurativo» que permita organizar num padrão de relações estruturadas os principais elementos do objecto de representação. O processo de objectivação conclui-se com a naturalização dos padrões relacionais que passam a ser vistos, não apenas como reais e materialmente verdadeiros, mas também como categorias naturais, descritivas e portanto também explicativas e normativas, fazendo assim equivaler o conceito à realidade (Vala, J., 1993).

Já no que respeita à ancoragem, que pode preceder ou seguir o processo de objectivação, ela pode servir, no primeiro caso para integrar as novas informações em categorias que o sujeito já possui, fruto de experiências anteriores, ou na segunda hipótese, atribuir sentido a acontecimentos, comportamentos, pessoas, grupos ou factos sociais que assim «exprimem e constituem as relações sociais» (Moscovici, S., 1961:318).

A formação dos estereótipos sociais pode igualmente ser compreendida através dos processos descritos, se se pensar tratar-se de representações sociais e atitudes rígidas, convencionais e categóricas com uma forte componente afectiva, «tendendo a reflectir as posições relativas num sistema generalizado de estratificação» (Billigmeier, R., 1990:474).

Vejam-se os estudos realizados na área da estereotipia sexual, (e.g. Appelbaum, Steven H., Audet, Lynda e Miller, Joanne C., 2003, England, E., 1992, Gerber, G., 1991, King Jr., W., Miles, E. e Kniska, J., 1991, Kutner, N. e Brogan, D., 1990, Leppard, W., Ogletree, S. e Wallen, E., 1993, Martin, C., 1987, Mazzella, C., Durkin, K. e Buralli, P., 1992, Park, Daewoo, 1997, Pomerleau, A.,

Bolduc, D., Malcuit, G., et al., 1990, Renn, J. e Calvert, S., 1993, Vogel, D., Lake, M., Evans, S., et al., 1991) os quais permitem inferir a existência de processos de selecção e descontextualização, esquematização estruturada e naturalização, bem como de ancoragem, na forma como homens e mulheres se percebem e descrevem.

Por outro lado, poder-se-ia ser levado a pensar que o estereótipo seria apenas um tipo de esquema provocado por um enviesamento de informação incorrectamente processada. Ora uma das características dos estereótipos enquanto produtos de interacção social é, precisamente, a sua «irracionalidade e em grande medida invulnerabilidade mesmo face à evidência de informação disponível correcta» (Billigmeier, R., 1990:474).

Esta característica de rigidez própria do estereótipo, não implica que ele comporte necessariamente uma percepção falsa da realidade. O que se pretende aqui sublinhar é que, quer se trate de categorizações apenas exageradas e simplificadoras da realidade, quer elas sejam erróneas e completamente falsas, os estereótipos adquirem um enorme grau de estabilidade no tempo e um alto nível de convencionalidade social, que os torna dificilmente alteráveis, mesmo quando os actores sociais que os detêm dispõem de ulteriores informações que invalidam o seu conteúdo. Assim, a irracionalidade do estereótipo não advém em primeiro lugar do seu conteúdo (que pode até não remeter para informações falsas, mas apenas deficientemente processadas), mas do seu carácter rígido e inflexível, mesmo face a eventuais evidências racionais que o contradigam (Shin, Sunney e Kleiner, Brian H., 2001).

Provas empíricas que confirmam que os estereótipos se podem manter inalteráveis durante décadas, apesar de múltiplas campanhas de sensibilização e informação e de evidentes alterações sociais, encontram-se na literatura relativa à estereotipia sexual e racial (Bergen, D. e Williams, J., 1991, Branscombe, N. e Smith, E., 1990, Cann, A. e Siegfried, W., 1990, Dion, K. e Schuller, R., 1990, Janman, K., 1989, King Jr., W., Miles, E. e Kniska, J., 1991, Park, Daewoo, 1997, Schein, V., Mueller, R. e Jacobson, C., 1989, Worku, Yelfign, 2001).

Parece portanto legítimo concluir que a noção de estereotipia pode ser vista tanto à luz da noção de esquema, como sob a perspectiva da teoria das representações sociais⁵.

A diferença reside no facto de que, enquanto «(...) o conceito de esquema vê o conhecimento mais como resultado de um processamento de informação, onde interagem dados e teorias, (...) o conceito de representação social acentua as dimensões do conhecimento que relevam da aplicação das teorias, esquecendo como e de que forma essas teorias são activadas pelos dados» (Vala, J., 1993:375).

⁵ Refira-se no entanto, que se trata sobretudo de duas abordagens diferentes ao mesmo fenómeno, pois quer os esquemas sociais, quer as representações sociais têm em comum um mesmo processo básico: a categorização (Leyens, J., 1985), que é igualmente um elemento fundamental na formação de estereótipos.

4. Estereótipo, teoria da atribuição e representações sociais

A utilização do conceito de representação social é igualmente de assinalável valor heurístico para a compreensão do estereótipo, se se tiver em conta o alcance social que a teoria da atribuição causal passa a possuir neste contexto teórico (Vinnicombe, Susan e Singh, Val, 2002).

Investigações realizadas no âmbito da teoria da atribuição causal, ao procurar esclarecer «o processo de julgar as intenções e disposição dos indivíduos a partir das suas acções», (Gahagan, J., 1980) detectaram a existência do que se pode designar o «erro fundamental na atribuição». Tal erro consiste na frequente tendência que os indivíduos apresentam em atribuir a causas internas a explicação dos seus próprios comportamentos e, sobretudo, dos comportamentos dos outros (disposições, traços de personalidade, atributos pessoais, etc.) (Shin, Sunney e Kleiner, Brian H., 2001). Mesmo quando esta «norma de internalidade» (Beauvois, J., 1984) não se verifica, os indivíduos que a preferem utilizar são socialmente mais valorizados do que aqueles que utilizam explicações externas ou de índole situacional⁶ (Beauvois, J. e Dubois, N., 1988, Dubois, N., 1987).

Esta tendência à psicologização para que a norma da internalidade aponta aquando de processos inferenciais, permite melhor compreender o carácter rígido dos estereótipos, pois estes remetem para traços, disposições de personalidade e atributos pessoais dos elementos do grupo estereotipado que são vistos como intrínsecos e internos aos indivíduos e não produto de contextos ou situações específicas (Park, Daewoo, 1997, Shin, Sunney e Kleiner, Brian H., 2001).

Efectivamente, se a estereotíпия pudesse contemplar a explicação de fenómenos através da sua natureza socioestrutural, ela perderia grande parte da rigidez e conotação negativa e muita da sua eficácia enquanto base da discriminação social.

Assim, e partindo do princípio que «a categorização é ela própria socialmente regulada» (Vala, J., 1986:12), tem sido considerado que, no que respeita à função e produção dos estereótipos sociais, estes podem ser analisados como teorias implícitas da personalidade partilhadas pelos membros de um grupo social sobre outros grupos e sobre o seu próprio grupo (Tajfel, H, 1972).

Por outro lado, para compreender o estereótipo enquanto modalidade de representação social será necessário ultrapassar este nível geral de análise que nos remete para meta-representações sobre o conceito de homem, e ter em conta o conteúdo específico do objecto concreto do estereótipo face ao qual se procuram produzir explicações causais. Só na articulação destes dois níveis (meta-representação da ideia de homem e representação específica do sujeito pertencente

⁶ Segundo Vala, (1993) tal norma fica-se a dever à passagem de uma concepção de pessoa heterónoma (ideia pré-moderna) a uma concepção autónoma de pessoa (de raiz iluminista e liberal).

cente ao grupo estereotipado), será possível compreender a eficácia prática da estereotipia fundada em formas de explicação e argumentação do senso comum (Vala, J., 1993).

5. Multifuncionalidade das representações sociais e funcionalidade dos estereótipos

Aceder à funcionalidade do estereótipo passa ainda pelo entendimento da multifuncionalidade das representações sociais. De facto, estas apresentam funções de organização significativa do real, explicando-o, função de comunicação, funções comportamentais e ainda de diferenciação social (para uma visão mais completa das linhas de investigação que se têm desenvolvido nesta área, ver Vala) (1986).

Do ponto de vista da organização do real o estereótipo social é uma forma de categorização da realidade que possui uma forte coloração avaliativa e afectiva, frequentemente negativa, mas que também pode surgir com conteúdo positivo.

Quer enquanto negativos, quer enquanto positivos, os estereótipos têm como função reduzir a incerteza e organizar a realidade envolvente, tornando-se eles mesmos elementos «reais» constituintes desse mesmo meio, enquanto tendentes a produzir efeitos sociais auto-fundamentadores e reforçantes (Yim, Phyllis Ching-Yin e Bond, Michael Harris, 2002).

Assim, enquanto elementos de comunicação os estereótipos são económicos pois permitem processar rapidamente a informação social (Atkinson, R, Atkinson, R e Hilgard, E, 1983, Faria, L e Fontaine, A., 1993) e, tal como qualquer outra representação social, transformar as avaliações em descrições e as descrições em explicações (Moscovici, S. e Hewstone, M., 1984). O estereótipo pode mesmo definir-se como «uma espécie de esquema perceptivo associado a certas categorias de pessoas ou objectos, **crystalizados em torno de uma palavra que os designa**, intervindo automaticamente a representação e caracterização dos espécimes dessas categorias» (Maisonneuve, J., 1971:110) (negrito nosso). Desta forma, a própria linguagem sinaliza e transporta os estereótipos, influenciando decisivamente os processos de comunicação entre indivíduos e entre grupos (Shin, Sunney e Kleiner, Brian H., 2001).

5.1 Estereótipos, representações sociais e comportamento

Do ponto de vista comportamental, a relação entre estereótipos e comportamento discriminatório nem sempre é automática, (Park, Daewoo, 1997, Vinnicombe, Susan e Singh, Val, 2002) tal como tem vindo a sublinhar a investigação que diz genericamente respeito à relação entre atitudes e comportamentos, como aquela que mais especificamente se relaciona com a área da estereotipia (Lapierre, R., 1934).

No entanto, se se utilizar a distinção proposta por Nuttin (1972) entre componentes situacionais (que são sobretudo produto de factores situacionais com pouco impacto nas mediações cognitivo-avaliativas) e componentes representacionais (em cujo âmbito a relação entre aqueles elementos é inversa), poder-se-á afirmar que, nestes últimos, são factores decisivos para a acção tanto as representações como as atitudes e/ou estereótipos sociais.

Poder-se-ia ainda dizer com Codol (1989) que, «a questão não é talvez tanto a de saber se o juízo social e o comportamento estão ligados, mas de saber se por um lado os juízos sociais, e por outro os comportamentos, podem ser interpretados como manifestação de uma mesma estrutura cognitiva subjacente» (p. 487)⁷.

5.2 Estereótipos, representações sociais e diferenciação social

É no que respeita à função de diferenciação social das representações sociais que mais nitidamente se compreende o estereótipo enquanto modo de representação social, com uma dinâmica específica e significativa na vida social.

De facto os estereótipos, que se situam ao nível avaliativo das relações intergrupais, formam-se a partir das relações comportamentais entre os grupos e têm fortes repercussões ao nível das representações mútuas (Doise, W., 1983, Yim, Phyllis Ching-Yin e Bond, Michael Harris, 2002).

As experiências já clássicas de Sherif (1976) demonstraram que imagens estereotipadas reforçam e têm origem nos comportamentos hostis entre grupos, produzindo juízos e avaliações que favorecem o grupo de pertença em detrimento de outro grupo. Tais conflitos resultam não das características dos seus membros ou da organização interna dos grupos, mas da necessidade de criar uma identidade social (por referência ao grupo de pertença) e correlativamente a diferenciação intergrupos. Tal processo começa por ser de categorização e diferenciação social e leva ao engendrar de representações sociais dos «outros» frequentemente estereotipadas, sobretudo se os grupos se encontram em situações de competição (Park, Daewoo, 1997, Yim, Phyllis Ching-Yin e Bond, Michael Harris, 2002). Assim, a evolução do conflito entre os grupos é acompanhada por uma evolução nas imagens que cada grupo desenvolve de si próprio e do outro.

De acordo com Doise (1983) tais imagens desempenham três tipos de funções cognitivas:

- 1 - Função selectiva que consiste numa percepção diferenciada dos elementos caracterizadores do outro grupo, avaliando esses elementos de

⁷ As experiências de Codol (1972) sobre as relações entre representações e comportamentos apontam para a importância da representação de tarefas, do outro e do grupo, que passam a ser elementos definidores da situação e da organização dos comportamentos.

forma negativa e de entre esses seleccionando aqueles que são relevantes no contexto da relação intergrupar;

- 2 - Função justificativa, revelando os conteúdos das representações, imagens estereotipadas que legitimam os comportamentos de hostilidade e discriminação social;
- 3 - Função antecipatória que orienta o desenvolvimento das relações entre os grupos e que permite «prever» o comportamento do(s) grupo(s) e assim orientar a sua própria acção.⁸

Conclusão

O estereótipo surge-nos assim como um elemento importante no processo de diferenciação social confundindo-se, em situação limite de extrema competição e diferenciação intergrupar, com a representação social que os grupos fazem uns dos outros e também de si próprio (Tajfel, H., 1980)⁹.

Tal como é o caso das representações sociais em termos latos, também o estereótipo social (como caso particular das representações sociais) permite organizar de forma significativa o real, influencia os processos de comunicação, predispõe para a acção e assume um papel relevante em fenómenos de diferenciação social (os quais por sua vez nos remetem para processos de categorização social e de construção da identidade social) (Appelbaum, Steven H., Audet, Lynda e Miller, Joanne C., 2003, Vinnicombe, Susan e Singh, Val, 2002).

Tendo em conta a literatura revista nesta área e os paradigmas teóricos que aqui procurámos apresentar, afigura-se-nos que o estereótipo poderá ser entendido como um esquema cognitivo socialmente partilhado, produto do processamento de informação social, cujo conteúdo é normalmente enviesado (construindo os sujeitos categorizações super-generalizadoras, exageradas ou até falsas). Cristalizado em torno de uma palavra que o designa e reflectindo relações entre grupos sociais, o estereótipo pode ser melhor compreendido se integrado em representações sociais mais latas de que faz parte.

No sentido de se esclarecerem cabalmente os processos de formação do estereótipo, parece-nos ser importante, para além das teorias e instrumentos

⁸ Sublinhe-se o facto de as funções de diferenciação social das representações sociais, ou o que no presente caso pode ser sobreponível, as funções dos estereótipos no processo de diferenciação social, se articularem de forma bastante clara com os processos de objectivação e ancoragem, através dos quais se originam tanto as representações sociais gerais como os estereótipos.

⁹ Note-se ainda que a evolução dos conflitos entre grupos não dá apenas origem a uma imagem estereotipada do «outro» (hetero-estereótipo), mas também, e por consequência do processo de diferenciação social, de si próprio (auto-estereótipo) (Doise, W., 1980).

epistemológicos provenientes das teorias do processamento de informação, recorrer também às teorias que remetem para a análise de processos sociocognitivos específicos do contexto cultural em que nascem os estereótipos e aí se mantêm, por desempenharem funções sociais determinadas.

Bibliografia

- Abric, J., Faucheux, C., Moscovici, S., et al., "Rôle de L'Image du Partenaire Sur la Cooperation en Situation de Jeu", *Psychologie Française*, 12, nº 4, 1967: 267-275
- Appelbaum, Steven H., Audet, Lynda e Miller, Joanne C., "Gender and Leadership? Leadership and Gender? A Journey through the Landscape of Theories", *Leadership & Organization Development Journal*, 24, nº 1, 2003: 43-51
- Atkinson, R, Atkinson, R & Hilgard, E, *Introduction to Psychology (Eighth Edition)*, New York, Harcourt Brace Jovanovich, Inc, 1983
- Beauvois, J., *La Psychologie Quotidienne*, Paris, PUF, 1984
- Beauvois, J. & Dubois, N., "The Norm of Internality in the Explanation for Social Events", *European Journal of Social Psychology*, nº 18, 1988: 299-316
- Bergen, D. & Williams, J., "Sex Stereotypes in the United States Revisited: 1972-1988", *Sex Roles*, 24, nº 7/8, 1991: 413-423
- Billigmeier, R., "Social Discrimination", *The Encyclopedia of Human Development and Education - Theory, Research and Studies*, M. Thomas (Ed.), New York, Pergamon Press, 199
- Branscombe, N. & Smith, E., "Gender and Racial Stereotypes in Impression Formation and Social Decision-Making Process", *Sex Roles*, 29, nº 9/10, 1990: 627-647
- Cann, A. e Siegfried, W., "Gender Stereotypes and Dimensions of Effective Leader Behavior", *Sex Roles*, 23, nº 7/8, 1990: 413-419
- Codol, J., "On the System of Representations in an Artificial Social Situation", *Social Representations*, R. Fan & S. Moscovici (Eds.), Cambridge, University Press, 1972
- , "Vingts Ans de Cognition Social", *Bulletin de Psychologie*, XLII, nº 390, 1989: 472-491
- Dion, K. e Schuller, R., "Ms. and the Manager: a Tale of Two Stereotypes", *Sex Roles*, 22, nº 9/10, 1990: 569-577
- Doise, W., "A Mudança Em Psicologia Social", *Mudança Social e Psicologia Social (Comunicações Apresentadas no Simpósio Sobre Mudança Em Psicologia Social - Lisboa 20-22 de Outubro de 1980)*, B. Silva A. Barroso, J. Vala, M. Monteiro & H. Catarro (Eds.), Lisboa, Livros Horizonte, 1980
- , *Articulação Psicossociológica e Relações Entre Grupos*, Lisboa, Morais Editores, 1983
- , "Les Representations Sociales", *Traité de Psychologie Cognitive*, C. Bonnet & J. Richard (Eds.) R. Ghiglione, Paris, Dunod, 1990

- Dubois, N., *La Psychologie du Contrôle: Les Croyances Internes et Externes*, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1987
- England, E., "College Student Gender Stereotypes: Expectations about the Behavior of Male Subcategory Members", *Sex Roles*, 27, n° 11/12, 1992: 699-716
- Faria, L e Fontaine, A., "Representações da Inteligência", *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVII, n° 3, 1993: 471-487
- Farina, A., Fisher, J., Getter, H., et al., "Some Consequences of Changing People's Views Regarding the Nature of Mental Illness", *Journal of Abnormal Psychology*, n° 87, 1978: 272-279
- Gahagan, J., *Comportamento Interpessoal e de Grupo*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980
- Gerber, G., "Gender Stereotypes and Power: Perceptions of the Roles in Violent Marriages", *Sex Roles*, 24, n° 7/8, 1991: 439-459
- Janman, K., "One Step Behind: Current Stereotypes of Women, Achievement and Work", *Sex Roles*, 21, n° 3/4, 1989: 209-230
- Jodelet, D., "Représentation Sociale: Phénomènes, Concept et Théorie", *Psychologie Sociale*, S. Moscovici (Ed.), Paris, PUF, 1984
- , "Les Représentations Sociales: Un Domaine en Expansion", *Les Représentations Sociales*, D. Jodelet (Ed.), Paris, PUF, 1989
- King Jr., W., Miles, E. & Kniska, J., "Boys Will Be Boys (and Girls Will Be Girls): The Attribution of Gender Role Stereotypes in a Gaming Situation", *Sex Roles*, 25, n° 11/12, 1991: 607-653
- Kutner, N. & Brogan, D., "Sex Stereotypes and Healthcare: The Case of Treatment for Kidney Failure", *Sex Roles*, 24, n° 5/6, 1990: 279-296
- Lapiere, R., "Attitudes versus Actions", *Social Forces*, n° 13, 1934: 230-237
- Leppard, W., Ogletree, S. & Wallen, E., "Gender Stereotyping in Medical Advertising: Much Ado About Something?", *Sex Roles*, 29, n° 11/12, 1993: 829-838
- Leyens, J., *Somme Nous Tous des Psychologues?*, Bruxelles, Mardaga, 1985
- Maisonneuve, J., *La Psychologie Sociale*, Paris, P.U.F, 1971
- Marques, J., *Toward a Definition of Social Processing of Information: an Application to Stereotyping*, Dissertação de Doutoramento, não publicada, apresentada à Université Catholique de Louvain, 1986
- Martin, C., "A Ratio Measure of Sex Stereotyping", *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, n° 3, 1987: 489-499
- Mazzella, C., Durkin, K. & Buralli, P., "Sex Role Stereotyping in Australia Television Advertisements", *Sex Roles*, 26, n° 7/8, 1992: 243-259
- Moscovici, S., *La Psychanalyse, son Image et son Public*, Paris, PUF, 1961
- , *Psychologie des Minorités Actives*, Paris, PUF, 1976

- Moscovici, S., "Social Representations", *Social Cognition*, J. Forgas (Ed.), London, Academic Press, 1981
- , "The Phenomenon of Social Representations", *Social Representations*, R. Fan & S. Moscovici (Eds.), London, Academic Press, 1984
- , "Notes Towards a Description of Social Representations", *European Journal of Social Psychology*, nº 6, 1988: 149-174
- Moscovici, S. e Hewstone, M., "De la Science Au Sens Commun", *Psychologie Sociale*, S. Moscovici (Ed.), Paris, PUF, 1984
- Nuttin, J., "Changement D'attitude et Rôle Playing", *Introduction à la Psychologie Sociale*, S. Moscovici (Ed.), Paris, Larousse, 1972
- Park, Daewoo, "Androgynous Leadership Style: an Integration Rather Than a Polarization", *Leadership & Organization Development Journal*, 18, nº 3, 1997: 166-177
- Pomerleau, A., Bolduc, D., Malcuit, G., et al., "Pink or Blue: Environmental Gender Stereotypes in the First Two Years of Life", *Sex Roles*, 22, nº 5/6, 1990: 359-367
- Renn, J. & Calvert, S., "The Relation between Gender Schemas and Adult's Recall of Stereotyped and Counterstereotyped Television Information", *Sex Roles*, 28, nº 7/8, 1993: 449-459
- Schein, V., Mueller, R. & Jacobson, C., "The Relationship between Sex Role Stereotypes and Requisite Management Characteristics among College Students", *Sex Roles*, 20, nº 1/2, 1989: 103-110
- Sherif, C., *Orientation in Social Psychology*, New York, Harper & Row, Publishers, 1976
- Shin, Sunney e Kleiner, Brian H., "The Psychological Effects of Working in a Racially Hostile Environment", *International Journal of Sociology and Social Policy*, 27, nº 8-9-10, 2001: 59-64
- Snyder, M. & Swann, W., "Behavioural Confirmation in Social Interaction: From Social Perception to Social Reality", *Journal of Experimental Social Psychology*, nº 14, 1978: 148-162
- Tajfel, H., "La Catégorisation Sociale", *Introduction à la Psychologie Sociale*, S. Moscovici (Ed.), Paris., Larousse, 1972
- Tajfel, H., "Comportamento Intergrupo e Psicologia Social da Mudança", *Mudança Social e Psicologia Social (Comunicações Apresentadas ao Simposium Sobre Mudança Em Psicologia Social - Lisboa 20-22 de Outubro de 1980)*, B. Silva A. Barroso, J. Vala, M. Monteiro, H. Catarro (Eds), Lisboa, Livros Horizonte, 1980
- Vala, J., "Sobre as Representações Sociais - Para uma Epistemologia do Senso Comum", *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 4, 1986: 5-30
- , "Representações Sociais - Para Uma Psicologia Social do Pensamento Social", *Psicologia Social.*, J. Vala & M. Monteiro (Eds.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993

- Vinnicombe, Susan e Singh, Val, "Sex Role Stereotyping and Requisites of Successful Top Managers", *Woman in Management Review*, 17, nº 3/4, 2002: 120-130
- Vogel, D., Lake, M., Evans, S., et al., "Children's and Adult's Sex-Stereotyped Perceptions of Infants", *Sex Roles*, 24, nº 9/10, 1991: 605-616
- Worku, Yelfign, "Ethiopia: From Bottom to Top in Higher Education - Gender Role Problems", *International Journal of Sociology and Social Policy*, 21, nº 1/2, 2001: 98/104
- Yim, Phyllis Ching-Yin e Bond, Michael Harris, "Gender Stereotyping of Managers and the Self-Concept of Business Students across their Undergraduate Education", *Woman in Management Review*, 17, nº 8, 2002: 364-372